

Ana Maria Brandão<sup>1</sup>

## **Métodos, práticas pedagógicas e públicos da sociologia**

Quando me convidaram para este Encontro lançaram-me como desafio participar de um debate sobre métodos, práticas pedagógicas e públicos da sociologia, longa designação que diz basicamente que a organização entendeu que a minha experiência no ensino poderia ter aqui alguma utilidade.

Não vou, portanto, dedicar esta breve intervenção vagueando pela Sociologia da Educação, área que não é a minha e sobre a qual outros reflectirão bem melhor. Não vos levarei por um passeio através das muitas “armadilhas” do sistema de ensino, pelos seus *curricula* “escondidos”, pelos seus ocultos critérios de selecção que condenam, à partida, uns ao sucesso e outros ao insucesso... Não vos conduzirei, pois, pela pista dos principais e usuais “suspeitos” de tais (in)justiças... Concentrar-me-ei no papel daqueles que se sentam do lado de cá, do lado de quem “escolhe” e “decide” (em termos relativos) o que se passa numa Escola, numa disciplina, numa sala de aulas...

Mais do que respostas que a custo dou a mim própria, lançarei – assim espero – questões sobre as quais poderemos pensar e (penar...) em conjunto ou a sós. Tomando de empréstimo um esquema adaptado de Chris Livesey<sup>2</sup> (baseado em Young e Bernstein) e cujo original constitui a única responsabilidade do autor visto que quanto ao mais terei eu que

---

<sup>1</sup> Departamento de Sociologia da Universidade do Minho – [anabrandao@ics.uminho.pt](mailto:anabrandao@ics.uminho.pt)

<sup>2</sup> Disponível em <http://www.sociology.org.uk>

responder, tentei articular algumas reflexões em torno de dois eixos centrais: o *curriculum* formal e as questões pedagógicas, concentrando-me, neste último caso, em torno da organização do conhecimento e da avaliação do conhecimento.

Para cada um destes eixos procurarei, quando tal for pertinente, equacionar as especificidades dos públicos da sociologia, agrupados em duas categorias: os candidatos a sociólogos e os candidatos a outros perfis profissionais.

## **1. O *curriculum* formal**

Direi que, com frequência, os temas e “disciplinas” dos planos curriculares são escolhidos em função de critérios alheios àquele que deveria ser o critério central: o desenvolvimento de competências sólidas e fundamentais para uma actividade profissional futura. Por trás dessas opções encontramos diversos factores cujas consequências se podem revelar mais ou menos desastrosas.

Por um lado, temos as concepções ora do “aluno-cliente”, ora do “aluno-vítima”. O primeiro é erigido em especialista antes de o ser e a sua presença, introduzida e popularizada pela expansão do ensino privado, começa já a notar-se no ensino público. Assumindo ao nível discursivo que o aluno constitui a única razão de ser de uma escola, na verdade estamos, na maioria das vezes, perante uma estratégia de sobrevivência desta pela via mais fácil: a de garantir que, pela (aparente) satisfação daquele, as suas fontes de financiamento, a sua dimensão, etc., se mantêm intactas, quando não aumentam. Já o “aluno-vítima” corresponde a um imaginário algo diferente. É o aluno pelo qual tudo se deve fazer no

sentido de facilitar a aprovação, ainda que tal signifique baixar os critérios de exigência. As famosas desvantagens socioculturais são, assim, usadas como justificção para um nivelamento por baixo dos padrões de qualidade do ensino ministrado.

Por outro lado, certas concepções de ensino parecem-me ser, no mínimo, questionáveis. De entre elas, saliento os “pós-modernos” sistemas self-service que fazem adivinhar a “fabricação” do especialista em coisa nenhuma, muitas vezes responsabilizado pela “escolha sem rede” do percurso a seguir.

Se a isto tudo acrescentarmos interesses organizacionais diversos, teremos um quadro que nos permite pensar razoavelmente a missão do ensino. As estratégias das escolas, as estratégias departamentais e as estratégias dos docentes são, em parte, explicadas pela própria lógica de funcionamento do sistema de ensino que temos, mas também por uma cultura académica em que a docência é um elemento da carreira tido como acessório e “suportado” a custo.

Acrescentarei que, na minha perspectiva, a centralidade do aluno deveria significar da nossa parte todos os esforços no sentido de não alijar a nossa responsabilidade, enquanto docentes, na definição das temáticas tidas como centrais na formação do candidato a sociólogo, definindo, pelo menos, as escolhas coerentes disponíveis numa “cafetaria” que temos a obrigação de conhecer melhor. Do mesmo modo, penso que nos compete perceber que, no caso dos restantes públicos, a sociologia não é, geralmente, uma disciplina considerada central ou sequer particularmente atraente (e nisto temos também responsabilidades), o que implica um esforço suplementar na escolha dos conteúdos e dos métodos pedagógicos mais adequados.

Parece-me, igualmente, importante ter presente que facilitar a aprendizagem (missão do docente) não significa facilitar a aprovação e que, geralmente, o aluno dá na medida do que lhe é dado, mas também do que lhe é pedido...

Finalmente, não posso deixar de sublinhar que a docência implica entrega, disponibilidade e "sentido de missão".

## **2. As questões pedagógicas**

### **2.1. A organização do conhecimento**

Do ponto de vista dos docentes, o método de ensino privilegiado continua a ser o método expositivo, muitas vezes sem recurso sequer a qualquer tipo de meio audiovisual. Embora isto possa resultar com alguns públicos e nalguns contextos particulares, sabemos hoje que dificilmente se trata da melhor forma de captar quer o interesse, quer a atenção dos alunos, sobretudo quando constitui instrumento exclusivo. Para além disso, é um método que não permite desenvolver o "pensamento lateral", a capacidade de resolução de problemas/conflictos, a aplicação eficaz de todos os conceitos e ferramentas.

Para os candidatos a sociólogos isto resulta, normalmente, na ideia de que a sociologia não é um conhecimento operacional, nem operacionalizável, e resulta também na "produção" de licenciados sem algumas das competências exigidas pelo mercado de trabalho. Para os outros públicos, a sociologia é tida geralmente como "chata", "teórica" e "inútil", uma espécie de enciclopédia de "cultura geral". Deveríamos preocupar-nos, penso, em mostrar que a sociologia não é uma disciplina nem mais nem menos "chata" do que as outras, que é útil em termos

profissionais, que pode ser mesmo assustadoramente operacional quando pensamos seriamente nisso...

Tudo isto exige mais de nós. Exige, por vezes, o impossível quando as turmas se estendem a perder de vista. Mas, com alguma frequência, simplesmente demitimo-nos da nossa função, não nos mantemos científica e pedagogicamente actualizados, não procuramos cativar os nossos públicos.

Por outro lado, aceitamos demasiadas vezes que os alunos adoptem uma postura passiva, não incentivando a auto-aprendizagem, a procura activa do conhecimento que distingue o bom do sofrível, não usando as suas próprias experiências como exemplos a trabalhar nas aulas, não os envolvendo na preparação, condução e avaliação da disciplina, e do nosso e do seu próprio desempenho. Deveríamos envolver os alunos numa lógica de co-responsabilização na preparação, condução e avaliação da aprendizagem, o que não significa perder de vista a centralidade do docente nesse processo.

Recordaria que só aprendemos quando estamos interessados em fazê-lo. Enquanto docentes, podemos procurar despertar a curiosidade, mas não nos podemos substituir ao esforço que terá que ser, necessariamente, do aluno. Aprender exige investimento e trabalho, não se trata apenas de divertimento.

Queixamo-nos também com frequência da irrequietude das turmas e dos seus comentários mais ou menos marginais às aulas. Ora, por vezes, os comentários e situações mais disparatados (ou mesmo provocatórios) podem permitir clarificar conceitos e teorias sociológicas, atraindo mais depressa a atenção da plateia do que os exemplos tradicionais ou os comentários sociologicamente mais acertados.

Precisamos, igualmente, de fazer um esforço no sentido de perceber as dinâmicas de cada turma, de identificar os seus elementos-chave, de saber como geri-los no sentido de cativar e “controlar” o conjunto.

## **2.2. A avaliação do conhecimento**

Na academia, privilegiamos geralmente o conhecimento teórico sobre o empírico e continuamos a apostar na compartimentalização das disciplinas. Temos como resultado uma sobrevalorização da memória face ao raciocínio, do conformismo face ao pensamento crítico, o que é particularmente grave num sociólogo.

Surpreendemo-nos depois (!) com a incapacidade de aplicação de conceitos velhos a novas situações, de perceber a complexidade dos problemas com que nos deparamos, de resolver problemas e conflitos, de intervir eficazmente na realidade social nos muitos casos em que temos que o fazer, de inovar.

Penso que deveríamos apostar na articulação dos contributos das diferentes disciplinas, por exemplo, através da realização de trabalhos conjuntos ou solicitando que esse seja o contributo do próprio aluno, sobretudo quando este não cursa sociologia.

Deveríamos, igualmente, apostar no desenvolvimento da capacidade de questionar a realidade, por exemplo, incentivando o aluno a pensar sobre as suas próprias dúvidas, encaminhando-o nesse raciocínio, não (nos) permitindo a resposta imediata...

Sociologia no ensino  
superior: conteúdos,  
práticas pedagógicas e  
investigação